

Cinquentenário do acervo de pintura da APM

Ernesto Mendes



http://www.apm.org.br/imagens/img_pinacoteca1grd.jpg

Inauguração da pinacoteca

Durante a gestão do Prof. Oswaldo Janotti (1983-1987) como presidente da APM, foi inaugurada, em sessão solene e amplamente divulgada, a pinacoteca, constituída, na sua maioria, pelo acervo da pintura brasileira, organizado

durante a nossa permanência no Departamento de Cultura Geral, há cerca de 50 anos.

A pinacoteca, instalada em local apropriado e adequadamente distribuída, permitia ao espectador captar as emoções que o pintor desejou lançar na tela. O visual era

empolgante para a maioria, revelando peculiaridades que, a nosso ver, tornavam-na própria e diferente, não havendo mais dúvida de que existia uma pintura brasileira e que estávamos diante do mais importante acervo organizado no Brasil. Nessa solenidade, tivemos o privilégio e a honra de descerrar a placa comemorativa e explicar, em rápidas palavras, as origens e os motivos que nos compeliram a organizar uma coleção de quadros de pintores brasileiros.

Encontrar-se perante um acervo de pintura da mais alta qualidade, representando grandes pintores brasileiros, de primitivos a acadêmicos, refletindo privilegiada época da nossa cultura, exige mais do que uma explicação, e, sim, uma interpretação.

O consenso entre médicos e pintores

Tudo foi conseguido num consenso entre médicos e pintores, às vezes mediado por críticos de arte, havendo em todos eles a convicção e a certeza de que havíamos acumulado suficiente expressão cultural para concretizar-se em realizações objetivas. A prova de que havia suficiente potencial cultural foi a inauguração, pouco depois, de dois museus, o Masp e o MAM, além da primeira Bienal, acontecimentos importantíssimos e relevantes, coincidentes com as nossas convicções. Realmente, se havia condições para realizar empreendimentos de tal magnitude em termos internacionais, por que não idealizar um acervo de pintura brasileira, aproveitando a fase ímpar de expressão cultural que se avolumava desde a Semana de Arte Moderna, em 1922, usando como respaldo a APM, com toda a sua potencialidade e projeção social? Bastava somente que os pintores brasileiros e os críticos de arte, em evidência naquela época, concordassem com a ideia, o que ocorreu muito além do esperado. Nessas circunstâncias, a tarefa que se afigurava árdua mostrou-se exequível.

Acresce que, naquela época, a motivação cultural não se limitava à pintura, ocorrendo também em outras manifestações artísticas, tais como: arquitetura (Brasília e Niemeyer), escultura (Brecheret), paisagismo (Burler Marx), teatro (Teatro Brasileiro de Comédia), cinema (prêmio internacional em Cannes), somente para citar algumas delas.

Havia, na realidade, uma evidência incomum das atividades culturais que certamente viabilizava a realização do acervo da pintura brasileira da APM. Essa simultaneidade caracteriza, identifica e valoriza, no tempo e na qualidade, o acervo da APM.

O cenário inicial da pinacoteca

Sem respaldo cultural, proporcionando idealismo com retorno, não havia motivação necessária para tentar iniciar um acervo da pintura brasileira nas modestas instalações da APM, no 2º e 3º andares do Prédio Baldassari, na Av. Brigadeiro Luiz Antônio, pegado ao Cine Paramount, aguardando o término da atual sede.

No entanto, naquele mesmo cenário modesto e de transição, ocorreram excepcionais exposições de pintores mundialmente consagrados e exposições de material didático para o aprendizado da pintura, assessoradas, respectivamente, por Cicilo Matarazzo e Sérgio Milliet.

Após essa fase de preparo, discussões e avaliações, seguiram-se exposições individuais da maioria dos pintores que compõe o atual acervo, tais como: Di Cavalcanti, Volpi, Bonadei, Zanini, e outros mais. Com a soma de todas essas realizações, gerou-se entre os pintores a convicção de que a futura pinacoteca seria uma realidade, famosa em menos de 50 anos, e que a guarida da APM os dignificava e valorizava. Assim também pensavam os seus organizadores e os críticos de arte. Esses presságios logo se tornaram realidade, quando pinturas de famosos



artistas brasileiros daquela época foram agregadas ao acervo, em gestões posteriores.

Não é por acaso que a maioria dos pintores do chamado Grupo Santa Helena faz parte do nosso acervo. As mesmas forças e circunstâncias que aproximaram aqueles pintores atuaram na idealização da nossa colação. De forma semelhante, Flávio de Carvalho, o discutido arquiteto, sociólogo, escritor e pintor, enquanto fazia suas "experiências sociais", denunciava na polêmica gerada os ensaios de uma cultura que necessitava ser expressa. Também não tem sido fortuita a presença frequente de alguns dos nossos pintores nos leilões internacionais do tipo Christie's ou Soothby.

O inter-relacionamento médico-cultural

Simultaneamente, em reuniões mensais, eram ouvidos críticos de arte e pintores para orientar e esclarecer aquilo que não havia sido proporcionado pelas exposições, das quais participaram Sérgio Milliet, Pedro de Alcântara, Lourival Gomes Machado, Bondei e alguns médicos interessados. Além disso, conferências sobre assuntos culturais foram proferidas por Aluísio de Castro (Rio de Janeiro), Almeida Prado, Antônio Cândido,

Lourival Gomes Machado e Silveira Sampaio. A maioria desses eventos já ocorria na sede atual da APM, no anfiteatro da Biblioteca Municipal de São Paulo ou no MASP da rua 7 de Abril.

Três gestões, de um ano cada, proporcionaram ao Departamento de Cultura Geral o privilégio de formar um acervo de pintura, favorecido por um período excepcional da cultura brasileira. Tivemos a fortuna de sentir, captar e aproveitar esse período ímpar de motivações culturais, auxiliados pelos secretários do Departamento de Cultura Geral, Professores Emílio Mattar e Atílio Zelante Flosi, durante a magnífica diretoria do Prof. Jairo Ramos, ocorrida há cerca de 50 anos. Foi indescritível conviver com aqueles pintores e críticos de arte, preocupados em sentir e transmitir as suas emoções por meio de cores, tornando o sentido da vida diferente e enriquecido.

Perspectivas futuras

A pinacoteca da APM é um importante acervo da pintura brasileira, representando uma época cultural vivida na cidade de São Paulo por um grupo de médicos, artistas plásticos, críticos de arte e alguns intelectuais, irmanados pelo mesmo propósito e prevendo o seu valor inestimável com várias décadas de antecedência. Nada ocorreu por acaso.

As perspectivas futuras, que já eram otimistas, tornaram-se infinitamente maiores com as tendências atuais de globalização, fazendo a pintura brasileira emergir com todo vigor, igualando-se, por exemplo, às do México e Colômbia, já nas próximas décadas.

A valorização dada recentemente aos pintores Tarsila do Amaral e Di Cavalcanti no mercado internacional já é um forte indício de que isso irá acontecer. A notícia de que a Galeria Christie's leiloou recentemente, por quantias altíssimas, um lote de pinturas de artistas brasileiros pertencente à época em que foi formada a maior parte do acervo da APM sugere fortemente que a sua valorização nas próximas décadas alcançará quantias inimagináveis. Por enquanto são vaticínios, como o foram há 50 anos.

O efeito, às vezes negativo, das vicissitudes humanas sobre realizações dessa natureza também foi previsto, não importando os fatos porventura já ocorridos e tudo que ainda está por vir. A pinacoteca sobreviverá a tudo, pela força e independência que adquiriu, cingindo-se aos pintores e à expressão cultural da época em que foi organizada.

Ernesto Mendes

Artigo escrito por ocasião do cinquentenário da criação da Pinacoteca da APM, por seu idealizador e, então, "Ex-presidente do Departamento de Cultura Geral da APM" (1947-1951).



Entrelinhas

Helio Begliomini

"Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu." (Clarice Lispector (1920-1977), escritora e jornalista ucraniana naturalizada brasileira).

Aprendemos que linhas paralelas jamais se cruzam, quer dispostas a milhares ou milhões de quilômetros uma da outra, quer a frações de milímetros. Assim são as imaginárias linhas da macroestrutura do globo terrestre: do Equador; dos Trópicos de Capricórnio e de Câncer; e dos círculos polares Ártico e Antártico. Apesar de caminharem lado a lado solitárias, quando próximas, ao mesmo tempo se tornam solidárias em suas origens, em seus mistérios e em seus fins.

Embora intangíveis, as linhas paralelas delimitam um espaço significativo entre elas, que não deve ser confundido com o vazio do vácuo. Nele podem conter verdades explícitas, bem como albergar segredos inconfessos.

Não é difícil imaginar, ao contemplar uma página de um caderno em branco, no qual há apenas um conjunto de linhas paralelas na direção horizontal, a quantidade de informações, lamúrias, suspiros, manifestações de ódio e de amor que podem, pela mão do artista – escritor ou poeta –, preencher e adornar aquelas entrelinhas. Nesse caso, as linhas paralelas servem não somente de esteio para que se consigne um enredo, mas, assim como as margens de um rio, acenam para manifestar uma origem... uma razão... um porquê, e conduzem o leitor a um destino... a um desfecho... a uma mensagem.

Certa feita, perguntado sobre como era criar uma obra de arte, o genial escultor, pintor, poeta e arquiteto italiano Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni (1475-1564), mais conhecido simplesmente como Michelangelo, humildemente respondeu: *"Dentro da pedra já existe uma obra de arte. Eu apenas tiro o excesso de mármore!"*. Se o escultor tira o excesso ou o supérfluo de um bloco de mármore ou de um tosco tronco de madeira para extrair e bem evidenciar a sua arte, o escritor escolhe, acrescenta, justapõe, contrapõe, coteja e concatena palavras, frases e parágrafos para melhor expressar suas ideias e sentimentos, compondo sua obra, dando vida e cores às imaginações contidas nas entrelinhas.

No conjunto de um texto, entrelinhas com poucas palavras ou frases, ou ainda vazias, não deixam de indicar uma trégua... uma suposição... uma interpelação... uma reflexão... uma mudança de rota... um retorno ao passado ou uma projeção do futuro.

Sim, as entrelinhas não são inermes ou não estão mortas. Por vezes hibernam à espera de alguém que as preencha, que as alimente. As entrelinhas falam! Elas se comunicam! Elas têm expressão viva e multicolorida não somente na razão direta da arte do escritor, mas também na destreza da introspecção do leitor. Quanto mais sensível ele for, quanto mais inserido no contexto ele estiver – verdadeira transposição ou transmutação de si na realidade que se lhe apresenta –, mais depreenderá e mais usufruirá da mensagem do autor por meio de suas entrelinhas.

Por entre as entrelinhas preenchidas, concatenada e parcimoniosamente com o cinzel da palavra escrita, estão contidos verdadeiros oceanos de informações, de conceitos, de encantos e de desalentos. Por meio delas não somente se alimenta a razão, mas também se aguçam os sentimentos e se descortina a vida!

Nas entrelinhas, encontram-se também magistral e tacitamente os subentendidos. Fábio José de Melo Silva, mais conhecido por Fábio de Melo (1971-), sacerdote, escritor e professor universitário, tem um pensamento que bem se aplica nesse particular: *"Nas entrelinhas é que dizemos. Bom terapeuta é o que escuta o que omitimos"*.

É nas entrelinhas que se encontra o substrato físico do exercício da arte de escrever. Se os trilhos de um trem determinam a origem e o destino de uma composição, é nas entrelinhas de um texto que se encontra – independentemente de seu tamanho – o desenrolar de um propósito, com início, meio e fim, ou até mesmo condensada toda uma saga de um acontecimento notório.

Nas entrelinhas, transitam livremente o consciente e o inconsciente, o real e o fantasioso, o verdadeiro e o falso, o pessimismo e o auspicioso, o lógico e o inconsequente, o amor e a ira, o erudito e o chulo, o mensurável e o colossal, o explícito e o suposto, o cronológico e o anacrônico, o real e o fictício, o extraordinário e o banal, o atual e o extemporâneo, a razão e a abstração e o presente, o passado e o futuro!

Aduzo, uma vez mais, um pensamento lapidar e oportuno da renomada Clarice Lispector, já evidenciada em epígrafe: *"Tudo acaba, mas o que te escrevo continua. O melhor está nas entrelinhas"*.

Assim, nas entrelinhas, os escritores não somente são evidenciados, mas também ressuscitados e até eternizados. Assumem a ribalta, seguram a batuta, protagonizam o espetáculo, adquirem voz e vez, ecoam suas ideias, são calmamente escutados, avaliados e julgados, glorificados ou repudiados, aplaudidos ou vaiados, mas, sem dúvida alguma, exercem a cidadania e a liberdade de expressão no areópago do tempo!

Helio Begliomini

Membro da Associação Paulista de Medicina, da Academia de Medicina de São Paulo, da Academia Cristã de Letras, da Academia Paulista de História e da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores.

Aborto, sim ou não?

Nelson Guimarães Proença

Desde minha adolescência, acompanho uma interminável discussão: a gravidez não desejada pode ser interrompida? O aborto pode ser praticado? Hoje, chegando quase aos noventa anos, pela primeira vez vou fazer algumas considerações sobre o tema, que talvez sejam oportunas.

Em tempos passados, não era reconhecida a ocorrência de situações especiais, a resposta à questão do aborto exigia um categórico "sim" ou "não". A discussão evoluiu e alcançou um novo patamar, pois foram reconhecidas situações especiais em que o aborto pode ser praticado. Isto, inclusive, já está previsto e aceito no Brasil.

A primeira dessas situações é quando há risco de vida para a mulher grávida. A segunda, quando a gravidez é resultante de estupro. A terceira, quando um estudo de imagem mostra um feto desprovido de cérebro.

Esse ano, voltou a existir pressão sobre o Congresso Nacional, insistindo para que seja descriminalizada a prática do aborto. Como 2018 foi um ano de eleições, certamente o tema voltará a debate somente na próxima Legislatura.

O que pensa o corpo social: sim ou não?

Caso a resposta seja "sim", estamos aceitando que vidas sejam suprimidas? Buscando responder a essas perguntas, parei um pouco – na correria da minha vida – procurei refletir e encontrar argumentos que deem base a uma resposta. Pelo menos para dar uma resposta para mim mesmo.

A reflexão me levou a recordar a biologia dos seres bissexuados. Ao macho cabe a produção dos espermatozoides, às fêmeas a produção de óvulos. A fusão de um espermatozoide com um óvulo produz uma nova célula, o zigoto, e, a partir dele, começa a se formar o embrião.

Aí está, o embrião resulta das primeiras divisões do zigoto, é quando se inicia o desenvolvimento de um novo ser. Começam a se organizar os órgãos e sistemas diferenciados, um processo evolutivo que se completa na oitava semana de gestação. A partir de então, ocorre o crescimento e o aperfeiçoamento dos órgãos e sistemas já existentes.

Em termos conceituais, o embrião é menos do que um "ser vivo". É, nessas primeiras semanas, um "organismo viável".

Dando agora um passo à frente, minhas reflexões me fizeram recordar que a obtenção desse "organismo viável"

foi um desafio enfrentado e superado em laboratórios científicos. Estamos falando da fertilização *in vitro*. Esta já se tornou rotina; são incontáveis as clínicas espalhadas pelo mundo inteiro com esta proposta de trabalho. Inclusive, são numerosas no Brasil.

O óvulo embrionado é mantido no laboratório da clínica por sete dias, depois é implantado no útero, aí se desenvolverá normalmente. Resulta um embrião em desenvolvimento e, a seguir, um ser vivo.

Muitas vezes, o óvulo embrionado não é imediatamente utilizado. Ele permanece guardado, congelado, para ser aproveitado em uma demanda futura, da mesma paciente ou de outra que o aceite.



<https://br.pinterest.com/pin/157766793167038617/>

E se esses embriões não forem aproveitados? Decorrido algum tempo, a clínica especializada na fertilização *in vitro* os descarta, destruindo-os. Aí está, embriões não utilizados são destruídos, todos os anos. São milhares, centenas de milhares, ou são milhões?

Pergunta obrigatória: são vidas que estão sendo destruídas?

Penso que a resposta correta é: – Não!

Não são vidas que estão sendo destruídas, pois o produto da fertilização *in vitro* não é ainda uma "vida", mas, sim, uma estrutura celular "viável". Ao "viável" não deve ser aplicada a ética que é exigida em respeito à "vida".

Estão todos de acordo, já está regulamentado. Podem os especialistas em fertilização *in vitro* continuar a fazer o descarte dos zigomas não aproveitados.

Depois de todas essas considerações, é chegado o momento de voltar à questão do aborto. E de perguntar:

“– Por que aceitar e autorizar o descarte de embriões obtidos na fertilização *in vitro* e, ao mesmo tempo, não aceitar e criminalizar o descarte do embrião, quando a gravidez é indesejada? Por que não descriminalizar o aborto realizado até a oitava semana de gravidez?”.

Já disse antes, ao iniciar essas reflexões. Nestes quase noventa anos de vida, assisti a várias mudanças conceituais. Tenho a impressão de que vou assistir a mais uma, a aceitação do aborto realizado nos primeiros dois meses de gravidez.

E destaco: não se trata de estar "a favor" ou "contra", mas de compreender a evolução da espécie humana.

Nelson Guimarães Proença

Membro Emérito da Academia de Medicina de São Paulo.

Câncer de próstata

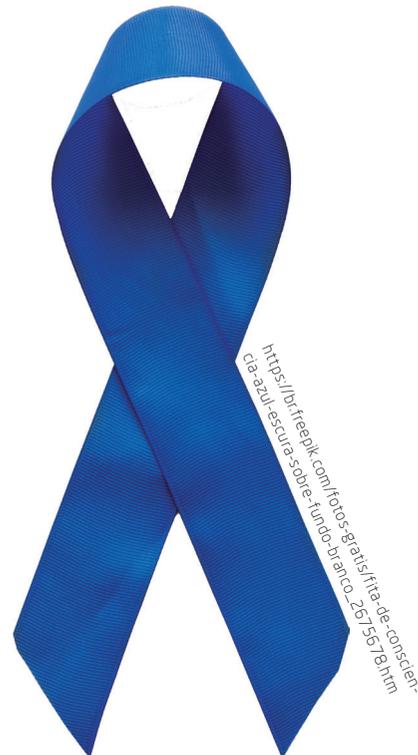
Jenner Cruz

Tenho dúvidas sobre várias notícias médicas que vemos comumente nos jornais. Recentemente falei sobre a quantidade de água que devemos beber por dia. Penso que a divulgação da necessidade de fazermos uma ingestão exagerada de água ou outros líquidos, por dia, para nossa saúde, está equivocada. Beber muita água, além de não ser tão saudável como dizem, pode ser prejudicial.

Hoje falaremos sobre um assunto muito mais sério, o câncer de próstata. Desde 1964, é o câncer mais comum em homens nos Estados Unidos, com altíssima mortalidade. O mesmo está ocorrendo em outras partes do Mundo, inclusive no Brasil.

Eu tive um tio que faleceu com câncer de próstata, morrendo poucos meses após o diagnóstico, enquanto aguardava a melhor conduta terapêutica, de infarto agudo do miocárdio.

Por esse motivo, após os 50 anos, comecei a fazer exames para me proteger. Fazia, além de ultrassom da próstata, o PSA (antígeno específico da próstata) mais ou menos anualmente. Em 1998, o Laboratório Central do Hospital das Clínicas passou a enviar, junto com o resultado do PSA total que fora solicitado, o resultado do PSA



livre e a relação PSA livre/PSA total. Em 11 de janeiro de 2001, uma grande surpresa: meu PSA total estava 3,6 ng/mL, tendo crescido quase 50% em 6 meses, embora ainda menor que o normal de 4 ng/mL, mas a relação PSA livre/PSA total estava 17% (bem inferior ao limite normal de 25%), que faria o diagnóstico de câncer de próstata. Como nefrologista do Hospital das Clínicas, imediatamente procurei o Serviço de Urologia, ao lado. O urologista, que operava as próstatas dos pacientes de nossa equipe de Nefrologia, fez um toque retal. Não havia câncer! Questionou por que eu queria fazer uma prostatectomia radical. Ficar impotente e com urina solta! Tomei remédios para diminuir o tamanho da próstata, fiz ultrassom da próstata e repeti o PSA em 20 de novembro de 2001. O PSA total diminuiu para 3,4 ng/mL, mas a relação também, 12%, nível muito perigoso. Voltei à Urologia, novo médico, novo toque retal, novamente sem câncer. Devo confessar que não gosto desse exame urológico, toque retal, e que devo ter dificultado sua execução. Repeti o PSA em 29 de janeiro, 5 de abril, 5 de julho e 4 de outubro de 2002, e apenas nos dois últimos o PSA total ultrapassou o limite normal: 4,2 e 4,0 ng/mL, mas a relação continuou sempre baixa: 14%, 16%, 12% e 10%. Com 10%, fiquei em pânico, e meu urologista, que não estava repetindo o toque retal, também resolveu agir. Pediu biópsia da próstata, feita em 11 de novembro de 2002, câncer estágio Gleason 6 (3 + 3). Operado de prostatectomia radical, dois dias depois, em 13 de novembro de 2002. Curado. PSA total após a cirurgia < 0,04 ng/mL. Sem metástases até hoje, com vida ativa, intensa e com excelente qualidade de vida.

Contei todo esse drama porque o exame PSA foi descoberto em 1979, e o PSA livre começou a ser pesquisado após 1990. Em dez anos, de 1993 a 2003, com o uso do PSA, a mortalidade regrediu 32,5%, e o famoso *Tratado de Urologia*, de Campbell e Walsh, continuou informando que, utilizando a relação PSA livre/PSA total < 25%, é possível detectar 95% dos tumores malignos de próstata. Até hoje ainda não entendo porque todas as publicações, para leigos e para médicos, e até o tratado citado acima ainda não incluíram a dosagem sanguínea do PSA livre/PSA total como o melhor método de diagnóstico para câncer de próstata. Por que insistir no toque retal, que, no meu caso, foi falho, e que os doentes costumam adiar? É verdade que a prostatectomia radical pode causar disfunção erétil, incontinência urinária, estreitamento uretral e hérnia inguinal. É verdade que muitos pacientes estão com outras patologias adiantadas e letais. É verdade que é um tumor de crescimento lento e que existem outras formas de tratamento, como a radioterapia e a quimioterapia, mas com muito custo, sofrimento e pequena recompensa.

O exame PSA foi descoberto em 1979, e o PSA livre começou a ser pesquisado após 1990. Em dez anos, de 1993 a 2003, com o uso do PSA, a mortalidade regrediu 32,5%.

Mais absurda é a citação na revista *Seleções*, de dezembro de 2018:

"A Força Tarefa de Serviços Preventivos dos EUA aconselha aos homens de 70 anos ou mais que evitem o exame de antígeno específico da próstata (PSA). (O câncer da próstata cresce devagar, e o tratamento pode afetar a qualidade de vida). Mas, se for afro-americano ou tiver pai, irmão ou filho que tenha tido câncer da próstata antes dos 65 anos, converse com o seu médico a partir dos 45".

O problema decorrente de um câncer de próstata existe em todos os países. Consta que o atual Imperador do Japão, Akihito, 125º da lista de imperadores, que completou 85 anos em 23 de dezembro de 2018, cujo reinado iniciou-se em 7 de janeiro de 1989 e deverá terminar em 30 de abril de 2019, quando abdicará do trono, em favor de seu filho Naruhito, por estar em tratamento de um câncer de próstata, sendo o primeiro Imperador a fazê-lo em duzentos anos.

Não sei porque a urologia continua insistindo no toque retal, tão repudiado pela maioria dos homens e não tão definitivo como propagam. Todos os homens, a partir dos 45 ou 50 anos, conforme a herança, deveriam fazer anualmente a dosagem sanguínea do PSA livre e total e o cálculo de sua porcentagem. Quando o exame revelasse alguma suspeita, ele deveria ser repetido. Sendo confirmada uma relação inferior a 25%, o paciente deveria ser encaminhado a um médico, de preferência urologista.

Jenner Cruz

Membro Emérito da Academia de Medicina de São Paulo.



coluna do livro

Vesalius

Trata-se de cópia limitada de Andreas Vesalius (1514-1564), considerado o Pai da Anatomia Moderna.

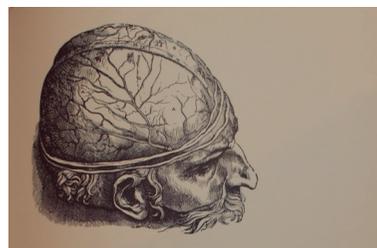
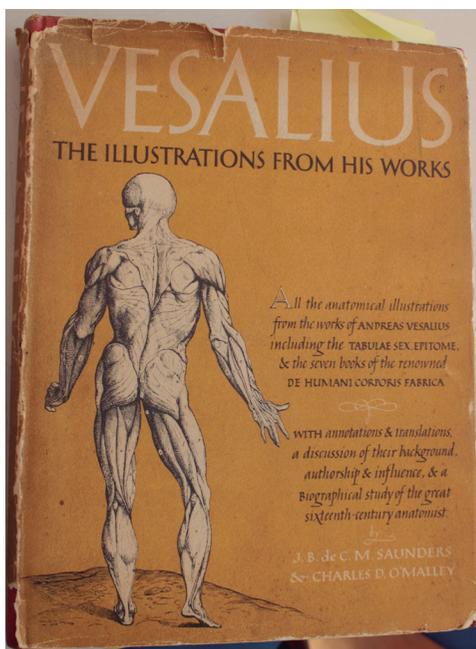
Sob o título original, *De Humani Corporis Fabrica*, publicado em 1543, Vesalius registrou, em forma de atlas, o corpo humano, em 7 livros, aqui reunidos em um só tomo, após inúmeras dissecações de cadáveres.

Sua contribuição para a ciência foi extraordinária, uma vez que, à época, pensava-se, por exemplo, que o coração era o centro das emoções e que os rins filtravam a urina, não o sangue.

Mais do que o conteúdo (versão em inglês), a beleza das ilustrações surpreende pelos ricos detalhes, pela precisão anatômica e, acima de tudo, devido ao grande mérito artístico do autor. Notem as posições em que são retratados os esqueletos e as expressões das fisionomias

nos rostos parcialmente dissecados, tudo ricamente detalhado.

Edição de 1950, da The World Publishing Company, New York, 252 páginas, capa cartonada em tecido, com sobrecapa de papel, doado à Biblioteca da APM na primeira década deste século, por Samuel Atlas.



Guido Arturo Palomba

Diretor Cultural Adjunto da APM.

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros e, principalmente, teses para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo

Diretor Adjunto: Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*)

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior

Pinacoteca: Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina:

Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.